

A VOLTA

Logo que acordou, consultou o seu relógio de pulso.

Faltava pouco tempo para a chegada do vôo espacial proveniente de Antares 4.

Levantou-se da cadeira onde dormira, espreguiçou-se e procurou o banheiro masculino por aquele imenso espaçoporto.

Minutos mais tarde, com cara limpa e um copo de café na mão, foi ao terraço ver se, através das nuvens densas e escuras daquela manhã chuvosa, conseguia distinguir alguma coisa.

Viu no céu um pequeno ponto negro crescer cada vez mais.

Era a nave que estava aguardando.

Faltavam menos de três minutos para sua chegada.

Ouviu então uma voz do sistema de som informar:

-Vôo espacial proveniente de Antares 4 pousará na pista de aterrissagem 77 em dois minutos.

A informação fora exata.

Naquele preciso espaço de tempo, nem um segundo a mais ou a menos, aquele ponto negro se transformou numa esfera gigantesca de cem metros cujas turbinas rugiam como feras enlouquecidas acima do plástico que encobria toda a superfície da pista.

Esperou os motores desligarem e desceu para a pista.

Ajeitou o uniforme pela última vez e dirigiu-se para a escotilha principal da nave.

Parado em posição de sentido, a pergunta que lhe vinha torturando nas duas últimas semanas novamente tomou conta dos seus pensamentos:

-Como ele estaria? Teria Antares 4 enlouquecido mais um dos homens que tentavam descobrir seus segredos?

A lembrança não muito agradável do que havia restado dos outros quatro homens que estiveram naquele planeta passou pela sua cabeça.

Dois deles, não tendo resistido às terríveis doenças que abundavam naquele mundo desconhecido, faleceram pouco depois de voltarem para a Terra.

Os dois seguintes, enlouqueceram depois de enfrentarem por lá uma diversidade sem fim de perigos.

Com chiado, a escotilha principal se abriu e uma rampa deslizou em direção à pista.

Um robô de guerra desceu pela rampa, bateu continência, apresentou as armas e se prostrou como uma estátua diante dele.

Logo depois, um oficial das Forças Espaciais Terranas também desceu pela rampa.

Parou diante do homem que lhe aguardava e também prestou a saudação.

Ficaram se olhando por alguns segundos:

-Qual o problema garoto? Por-quê essa cara de paspalho? Acaso está pensando que eu enlouqueci em Antares 4? Ou então que estou com alguma das doenças que por lá abundam como abelhas numa colmeia?

-Ora velhote! - Disse o outro visivelmente aliviado. - Minhas preocupações não se detiveram por momento algum na sua pessoa, muito pelo contrário, fiquei pensando se sobrou alguma coisa limpa naquele planeta depois que você passou por lá?

-Com mil diabos, James! Pelo que vejo, sua língua ainda continua mais mortífera que suas armas.

-Caramba, Artemus! Pensei que fosse finalmente ficar livre de você. Vejo porém que terei de esperar por algum tempo mais.

-Vaso ruim não quebra fácil, James. Como tem andado as coisas por aqui?

-Tudo na mesma! Nada de especial, Artemus. Semana passada tive de comandar nossas forças de elite numa invasão a uma nave civil tomada por terroristas...

-Mortos?

-Apenas os terroristas e os dois reféns que eles cruelmente mataram assim que dominaram a situação.

-Qual a reivindicação desta vez?

-O mesmo de sempre: a liberação de alguns colegas que estavam em cana.

-Então as coisas por aqui andam no mesmo ritmo de sempre, hem.

-É...E você? Como foi em Antares 4?

-Pior do que esperava. - Respondeu Artemus dando um sorriso. - Você não faz ideia de como aquele lugar é horrível. Acredito que no momento, o melhor uso que se pode dar àquele planeta é como um campo de provas para os nossos rapazes das forças de elite.

-Então deve ser um lugar horrível mesmo! Dizem que o inferno é o único lugar capaz de liquidar os nossos rapazes...

-Antares também é... Lá tudo parece conspirar contra a vida. Quem abaixa a guarda lá por um instante que seja, corre sério perigo de vida, qualquer que seja o lugar.

-Muito bem, Artemus. Vamos para a minha casa de campo, o pessoal está ansioso para ouvir suas histórias.

-Antes passamos numa churrascaria. O robô levará minha bagagem enquanto almoçamos.

-Mas é cedo para almoçarmos!

-James, você não faz ideia da fome que estou sentindo.

Após almoçarem, foram para a casa de campo de James para onde os robôs já haviam levado a bagagem de Artemus que, consistia em duas caixas de madeira com três metros de altura cada.

-Que levou aí, Artemus?

-Tudo quanto é tipo de arma que se possa imaginar. Algumas, são protótipos, outras, fazem parte do arsenal tradicionalmente usado em operações militares. Mesmo com tudo isso, não sentia segurança por lá.

Entraram na casa de James e a família deste já aguardava pela chegada de Artemus.

Nem teve tempo de entrar e o pequeno Arthur pulou no seu ombro.

-Tio Artemus. Conte-nos mais uma de suas aventuras.

-Claro meu rapaz. Claro! Ainda guarda com você o relógio que lhe dei de aniversário?

Levantando o pequeno bracinho, Arthur mostrou o relógio que havia sido lhe presenteado.

-Muito bem, garoto! Espere eu cumprimentar a sua mãe e lhe contarei minhas melhores histórias.

Artemus cumprimentou a mãe de Arthur e ainda, a empregada da família que já cuidava de James desde garoto.

Sentou-se em seguida numa poltrona e começou a contar suas aventuras em Antares 4.

-Vocês não fazem ideia dos perigos daquele lugar...

Sentado na poltrona e fumando um cachimbo, Artemus teria passado horas falando sobre suas aventuras, se, em dado momento, não tivesse sido interrompido pelo mais horrível grito que já ouvira em sua vida.

Ouvindo grito tão horrível, James apenas murmurou:

-Arthur...

Momentos antes, o garoto havia saído da sala.

Todos saíram da casa e foram para o jardim de onde havia partido o grito.

Neste, encontraram uma massa negra com pouco mais de vinte centímetros que vagamente lembrava um ser humano.

Daquela coisa, saíam uma fumaça que cheirava horrivelmente mal.

Desesperado, James começou a chamar pelo filho:

-Arthur!... Arthur!...

Com um lenço tampado na boca, Artemus levantou a parte que deveria ser o braço daquela massa, incrustado a ela, estava o relógio do pequeno Arthur.

Horrizado com aquilo, James apenas perguntava:

-Não é possível! O que teria feito isso?

A esposa de James se recusava a acreditar que aquela massa negra pudesse ser seu filho, e, quase aos gritos disse:

-Artemus! Precisamos encontrar o que tirou a vida do meu filho. Outras vidas podem estar em perigo.

-Seja lá o que for, Artemus, não deixou rastros na grama, o que, torna a coisa bastante perigosa.

-Vamos até a garagem. Algo me diz que a origem de tudo isso deve estar lá.

Correram e quando lá chegaram, encontraram uma das caixas onde estava acondicionada a bagagem de Artemus aberta.

-Artemus. Qual de suas armas poderia ter feito aquilo com o meu filho?

-Creio que nenhuma delas. Todas estão em seus lugares.

-Mas, se não é um ladrão, o que poderia ter feito aquilo?

Artemus ia dar uma resposta, mas, outro grito tão horrível quanto o primeiro veio de dentro da casa.

Assustados, eles correram para o quarto de James e novamente encontraram a marca mortífera do sinistro assassino.

Deitada na cama, jazia outra massa negra com características idênticas às da primeira vítima.

Esta porém, era pouco maior que a outra.

Devia medir cerca de setenta centímetros.

Atordoado, James encontrou a aliança de casamento de sua esposa num dos membros daquela coisa e, no auge do desespero, gritou o mais alto que suas forças permitiam.

Artemus apesar de ter algumas desconfianças, não sabia o que dizer.

Como consolar alguém que num espaço de cinco minutos perde os seus entes mais queridos de maneira horrivelmente trágica?

Ele mesmo se sentia arrasado.

Conhecia bem a esposa de James. Era como uma irmã...

E Arthur?

Que fizera a pobre criança para merecer uma morte como aquela?

Não tiveram tempo de fazer deduções. A empregada entrou gritando no quarto e, atrás dela, vinha uma gigantesca cobra negra brilhante se arrastando pelo chão com incrível velocidade e agilidade.

Ao entrar no quarto a empregada tropeçou numa cadeira e caiu no chão.

A cobra encostou-se no corpo da empregada e esta imediatamente começou a derreter rapidamente. Era como um boneco de cera cuja cor, ao derreter ia ficando cada vez mais negra.

Ao ver aquilo, James quebrou uma das pernas de uma cadeira que por ali perto havia e tentou acertar a cabeça da cobra.

Esta porém foi mais rápida e desviou-se rapidamente.

Em seguida, preparou-se para desferir poderoso golpe no seu agressor.

Foi porém impedida por Artemus que acertou-lhe um tiro na cabeça fazendo com que tombasse imediatamente morta.

-Artemus! Você viu isso? Era uma cobra que deixava as pessoas daquela maneira horrível. De onde teria surgido algo assim?

-Não sei como pude ter sido tão cego... Esta cobra pertence a uma raça muito comum em Antares 4. Ela sente muito frio e procura calor nos animais de sangue quente, só que, ao encostar-se neles, ocorre essa misteriosa forma de combustão. Talvez eu não tivesse relacionado as mortes que vilá com essas aqui devido ao fato dos animais que lá morriam não terem forma humana e ficarem azuis e não negros. Essas cobras jamais atacam ninguém, a não ser, em caso de auto preservação. É a única espécie daquele planeta que age assim. Todas as outras, são naturalmente agressivas.

-Mas como ela teria vindo parar aqui, Artemus.

-Minhas armas estavam super-aquecidas devido ao uso constante que era feito delas. A cobra deve ter entrado na caixa e por ali ficou até chegarmos aqui.

-Agora faço uma ideia do que você passou naquele mundo...

-Não James. Ainda depois dessa tragédia, eu creio que não. A ameaça que constitui essa cobra, nada significa perto dos perigos de Antares 4.
